PENSAR A AÇÃO TRANSFORMADORA DA IGREJA A PARTIR DO APOCALIPSE E DA ANALOGIA DO REINO DE DEUS

Anne Claude Marie Genolini[1]

Resumo

O presente trabalho debruça-se sobre o conceito de santidade tal como o teólogo europeu Christoph Theobald o desenvolveu em diversas obras. O objetivo é mostrar que pensar o cristianismo como ética pessoal não retira a dimensão política e institucional da ação da Igreja. Para isso, é necessário apresentar os diagnósticos histórico e teológico que levaram o autor a optar pela santidade individual ou comunitária, para depois refletir acerca da questão institucional. De maneira voluntariamente simplificadora, o diagnóstico é dividido aqui em duas etapas. A primeira é a análise histórica dos sinais dos tempos. A segunda é a hermenêutica bíblica. O que nos ensina esse diagnóstico? O contexto de fim de época e a perda de uma referência unificadora são duas mutações que estão ameaçando a coesão social das democracias plurais e secularizadas da Europa. Porém elas podem ser interpretadas como sinais dos tempos, à luz do Apocalipse e da analogia do Reino de Deus. É assim que surgiram a santidade, e a hospitalidade que a acompanha, como sinais messiânicos por excelência, que os cristãos podem oferecer ao mundo atual. Trata-se de uma ação transformadora discreta, e não exclusiva à Igreja, que vem reconectar todas nossas relações com sua fonte: a fé elementar na vida. Isso pode curar uma sociedade ferida pela violência, a exclusão e a injustiça e, portanto, ser uma ação política. Mas, para que a ação transformadora se torne "institucional", é preciso que a instituição eclesial aceite, primeiro, transformar-se.

Palavras-chave: Fim dos tempos. Reino. Ação transformadora. Igreja.

Introdução

A perda de influência da Igreja na esfera pública ocidental e a desconfiança dos indivíduos no que tange às instituições e às grandes utopias humanistas da modernidade podem levar a concluir que a ética individual, ou comunitária, tornou-se, hoje, o único meio para transformar a realidade. Os trabalhos do teólogo Christoph Theobald[2] vão, aparentemente, neste sentido, com a tese principal de que o cristianismo é um estilo que se caracteriza principalmente pela santidade. Será

[1] Mestre em teologia pela UNICAP (PE), e-mail: annegcorref@gmail.com.

[2] Christoph Theobald nasceu na Alemanha em 1946. Vivendo hoje na França, tornou-se padre jesuíta, professor de teologia e diretor de revistas. Além do ateísmo, sua reflexão tem dois pontos de partida: sua tese de doutorado sobre Blondel e o modernismo, e o Concílio Vaticano II. O teólogo europeu já entrou nos debates acadêmicos das faculdades de teologia brasileiras. Ele veio em 2009 e 2012 fazer palestras na PUC-Rio, no Instituto Humanitas Unisinos e na UNICAP e já foram feitas algumas pesquisas e trabalhos na linha de sua reflexão. Na PUC-Rio, a teologia dele foi objeto de um seminário de pós-graduação, em 2017. Diversos artigos dele ou sobre ele encontram-se no site da IHU-online e na revista de teologia e ciências da religião da UNICAP. Dois de seus livros foram traduzidos e publicados no Brasil: A Revelação (2006) e Transmitir um Evangelho de liberdade (2009).

que essa proposição endossa o abandono das dimensões política e institucional da ação da Igreja?

Para permitir responder a essa inquietação, é preciso acompanhar o processo hermenêutico feito pelo autor. Começaremos então por sua análise histórica dos sinais dos tempos que nos fará chegar à tese da santidade, por meio da interpretação do lugar e papel da Igreja hoje à luz do Apocalipse e da analogia do Reino de Deus. Isso ajudará a pensar a dimensão política do agir cristão. Terminaremos por abordar a ação da Igreja como instituição.

A análise histórica: o fim dos tempos e a desaparição do rei

Antes de apresentar a primeira etapa do itinerário de reflexão, é importante lembrar que, do ponto de vista metodológico, o autor identifica-se mais com os modelos "prático-narrativo" e "intercultural e inter-religioso" do que com o modelo "histórico-hermenêutico" do qual ele tomou distância (THEOBALD, 2007, p. 180-181). Conforme o chamado do Vaticano II a ler os sinais dos tempos para discernir no mundo os traços do Reino e anunciar a Boa Notícia de maneira crível, Christoph Theobald optou por fundar sua reflexão sobre um diagnóstico histórico-teológico dos tempos atuais. Esse diagnóstico usa a metodologia do círculo hermenêutico entre as Sagradas Escrituras, as ciências exatas e humanas, e as experiências elementares e cotidianas. A primeira etapa do diagnostico histórico e teológico dos tempos atuais é a análise histórica que o teólogo fez, baseando-se nas pesquisas das ciências humanas, em particular a sociologia e a filosofia. Duas grandes mutações são significativas no que diz respeito a nossa problemática: os três fins que fizeram entrar o mundo ocidental em uma nova era, e o surgimento das democracias.

Um fato central é que a secularização[3], a experiência do totalitarismo e do mal radical e a consciência que nosso globo e seus recursos são limitados marcaram o fim de uma época (THEOBALD, 2006, p. 177-184). Com efeito, os totalitarismos e a escassez de riquezas naturais provocaram o fim do mito do progresso e da razão, pilares da modernidade. Os pilares da Igreja católica foram também todos derrubados. No contexto da pluralidade das religiões e doações de sentido, a Igreja não tem mais legitimidade a considerar-se como "única intérprete da verdade" e como "cultura que atende a todas as necessidades da sociedade"

[3] No tocante à sociologia da religião, Christoph Theobald apoia-se, entre outros, sobre os trabalhos de Emile Poulat e Danièle Hervieu-Léger.

(THEOBALD, 2010, p. 67, tradução nossa). Ao contrário, observa-se uma descristianização da cultura. A própria existência de Deus não é mais uma evidência. Assim, Igreja e sociedade estão passando por uma crise profunda de identidade e do sentido da história. Devemos considerar a evolução do mundo como decadência e morte, ou como processo de transformação do qual vai brotar algo novo?

Outra constatação é que nossas democracias[4] perderam a referência comum que transcendia os interesses particulares pela mediação do rei (THEOBALD, 2009, p. 130). O próprio cristianismo, a partir do século IV, deu "ao Cristo Rei o lugar central no imaginário político e social do Ocidente" (THEOBALD, 2006, p. 190). Hoje, as sociedades ocidentais dispõem somente da referência ao direito, em particular os direitos humanos, para manter o vínculo social. Porém, isso não cria a solidariedade entre indivíduos que têm dificuldades em considerar-se como membros de um corpo, devido, entre outros, aos fenômenos de pluralidade e de mundialização (THEOBALD, 2009, p. 130-131 e 2006, p. 189). Essa fragilização da solidariedade diz respeito também às gerações futuras. Mas o risco maior é que princípios perniciosos chegassem a mobilizar os cidadãos, colocando em perigo a própria humanidade:

> A imposição do "vinculo" por alguns na história dos totalitarismos europeus - a expressão "*Terceiro Reich*", dizendo a terrível inversão do conceito bíblico - deu lugar a uma ditadura mais tortuosa: o fascínio exercitada pela inimaginável ficção técnica, que alguns chamam de "homem aumentado" ou "transhumano" e a tirania imposta pelos mercados financeiros. Se regulamentações são necessárias, porque elas tendem a conter a violência, uma questão mais fundamental assombra as consciências: onde tomar, nas rupturas atuais, as energias espirituais de resistência e de instituição positiva de uma maneira de viver juntos diferente daquela que o neodarwinismo nos impõe mais ou menos conscientemente? (THEOBALD, 2015, p. 408-409, tradução nossa).

Com o fim da cristandade e da modernidade, o que deve tornar-se objeto de preocupação da Igreja é a difícil convivência entre cidadãos nas sociedades plurais e secularizadas da Europa, assim como a degradação das relações pessoais, que levam à desaparição do sujeito, à violência e à intolerância. Afinal, estamos diante

[4] Para essa reflexão, Christoph Theobald apoia-se principalmente sobre Claude Lefort, em relação à democracia (LEFORT, Claude. **L'invention démocratique**: les limites de la domination totalitaire. Paris: Fayard, 1981, p. 45-83, apud, THEOBALD, 2006, p. 190 e THEOBALD, 2015, p. 408) e sobre Jürgen Habermas, em relação ao vinculo social (HABERMAS, Jürgen. **Théorie de l'agir communicationnel 1**: Rationalité de l'agir et rationalisation de la société. Paris: Fayard, 1987, p. 103-110, apud, THEOBALD, 2007, p. 751).

de dois grandes “sinais dos tempos”, isto é, “mudanças históricas [...] que são portadoras de mutações da consciência que nós temos de nossa situação e levam o homem a se questionar” (ROUTHIER, 2011, p. 90, tradução nossa). Enquanto essas mutações não chegarem ao surgimento de um novo sentido, fica mais difícil saber como e por que agir. Portanto, interpretar as mudanças à luz da fé é a primeira ação transformadora que deve ser feita. Não era essa uma das tarefas dos profetas?

A santidade e a hospitalidade como reveladores da fonte da fé elementar na vida

A evocação do fim da história e da desaparição da realeza fazem facilmente eco aos temas bíblicos do Apocalipse e do Reino de Deus. A análise narrativa do Apocalipse, assim como dos Evangelhos e Atos dos Apóstolos, levaram o teólogo a pensar a ação transformadora do cristianismo em termos de santidade, hospitalidade e fé elementar na vida.

Entre todos os livros da Bíblia, o último é aquele que introduz a noção de fim da história na economia da salvação. A partir da leitura do Apocalipse, e dialogando com Santo Irineu e Joaquim de Fiori, o teólogo escolheu inverter os termos “fim dos tempos” e reler a época que vivemos como “tempo do fim”, isto é, o tempo da “iminência da imanência de Deus” (THEOBALD, 2006, p. 186,221). Os cristãos estão, então, chamados a viver este “*kairos*” como espera de um mundo novo. Mas para essa novidade acontecer, é preciso comer o livro (Ap 10,10), contemplar o Cordeiro imolado e viver a santidade a exemplo daqueles “que não amaram sua vida a ponto de temer a morte” (Ap 12,11) e “cuja boca não conheceu a mentira” (Ap 14,5).

Uma vez que foi identificado o papel fundamental dos santos no contexto do tempo do fim, era necessário voltar aos Evangelhos para refletir de maneira nova sobre a santidade do Cristo. Isso levou o teólogo a pensar a santidade não somente como autenticidade e dom de si, mas também como “hospitalidade”. Essa “hospitalidade” é a maneira de ser de Jesus, em sua relação com qualquer pessoa, atitude caracterizada principalmente pela gratuidade. Com efeito, Jesus não procurava sistematicamente fazer das pessoas encontradas novos discípulos. Mas sua atitude hospitaleira e a bondade que ele irradiava permitiram que elas reencontrassem a fé elementar na vida, que a doença e exclusão tinham apagado.

Por um lado, “ouvir, ver, andar e acessar a fonte do ‘viver-juntos’[5] que é ‘a fé’ é o resultado de uma verdadeira cura que se repercute ao mesmo tempo em todo o corpo da sociedade”. Por outro lado, “esses atos colocam toda a sociedade em crise, deixando-os perceber, de repente, que o ‘viver juntos’ fundamenta-se sobre bases muito mais profundas do que vínculos que excluem alguns” (THEOBALD, 2015, p. 405-406, tradução nossa). Assim, a santidade e a hospitalidade de Jesus tiveram uma influência sobre a sociedade de sua época, curativa e subversiva ao mesmo tempo.

Do mesmo modo, as parábolas nos deixam entender que “é a entrada [no] Reino que conta em primeiro lugar e não [...] a adesão à pessoa de Jesus” (*Ibidem*., p. 400). Por meio dessas parábolas, a atitude hospitaleira de Jesus estendeu-se a todos seus ouvintes, deixando cada um livre para escutar e descobrir os sinais elementares do Reino de Deus na sua própria realidade. Portanto, a tese do autor é de que a Igreja deve substituir à referência ao Cristo Rei a analogia do Reino de Deus, como algo que possa contribuir à auto-organização e autocompreensão das democracias ocidentais (ibidem., p. 394-395). Imanência e transcendência seriam assim mantidas em uma tensão salvífica. Falar de santidade em termo de sinal messiânico nos faz entrar em uma outra tensão, que é aquela da esperança: a iminência da chegada do messias, o “segredo” ainda necessário. Sem esquecer que sobre o trono está o cordeiro imolado.

Enfim, se os apóstolos foram os primeiros a adotar o “estilo” do Cristo, e se os cristãos são hoje chamados a viver essa mesma santidade e hospitalidade, outros podem ter a mesma atitude, sem pertencer à Igreja nem acreditar em Deus. De fato, para o teólogo, santo é quem “permanece de pé” no meio da violência, da desestruturação da sociedade e das ameaças que pesam sobre a criação, porque vive de maneira autêntica, seguindo sua consciência, adotando a “regra de ouro” de maneira desmesurada, assumindo sua unicidade com paz, sendo capaz de “colocar-se no lugar de outrem sem deixar seu próprio lugar” (THEOBALD, 2009, p. 134). Essa “multidão anônima de justos” (ibidem.) que vivem nos “bastidores” da sociedade (THEOBALD, 2006, p. 141) contribuem com a sua transformação, na

[5] Em francês, “viver juntos” tornou-se substantivo (“*le vivre-ensemble*”) para falar da questão da convivência no seio de um grupo ou de um país. Mas essa expressão tem um significado mais afim à noção de coesão social de Emile Durkheim que a simples convivência. Por essa razão, escolhemos guardar a substantivação na tradução.

medida em que eles permitem a restauração da fé elementar na vida, fonte do “viver juntos”.

> Compreendemos a força desta postura, vitoriosa não somente nos campos de concentração ou em qualquer lugar onde o tecido social se desfaz, mas experimentada por muitos como soberanamente necessária no momento em que a mundialização, a extrema consciência das diferenças culturais, bem como as violências que dela decorrem colocam nosso viver em comum a uma dura prova? Quando se está consciente de que o porvir do globo terrestre depende não só de uma justiça mundial, difícil já de se conceber, mas de pessoas e de comunidades capazes de viver segundo a verdade de sua consciência e de expor-se à violência de outrem sem responder com as mesmas armas, “mede-se” imediatamente o caráter miraculoso da emergência efetiva e infinitamente diversificada destas atitudes na nossa história; absolutamente miraculoso, de fato, porque não é de forma alguma exigível (THEOBALD, 2009, p. 95).

No final das contas, a santidade é o poder transformador que o Cristo nos conferiu. Sinal do Reino, ela contribui concretamente à restauração ou instauração de um “viver juntos” baseado sobre relações autênticas, justas e desinteressadas, encontrando sua fonte na fé elementar na vida. Desse modo, a ação transformadora da Igreja passa mais pelas pessoas que pelas instituições. Ela se situa além das fronteiras eclesiais, tanto no que diz respeito a seu objeto, quanto na maneira de contar com todos os homens que adotam uma maneira de ser semelhante, isto é, santa e hospitaleira.

A santa Igreja católica

Enfatizar a santidade dos indivíduos ou das comunidades não conduz a minimizar o papel da Igreja como instituição, sobretudo se esse estilo não é uma exclusividade dos cristãos? Para o autor, a Igreja continuará a ser um ator crível da sociedade desde que aceite renunciar a sua “forma política” para ser coerente com a santidade de seus membros.

O diagnóstico histórico que foi apresentado na primeira parte mostrou que as grandes mutações da sociedade atingiram a Igreja, questionando a identidade que ela se tinha dado e a evidência da fé. Além disso, particularmente depois da *Shoah,* a concepção tradicional de um Deus todo-poderoso, distante, impassível deixou de prevalecer, para deixar surgir o rosto de um Deus capaz de sofrer, com desejo de aproximar-se dos homens e mulheres, falando com eles como fala a amigos, como lembra a constituição Dei Verbum (DV 2). Todas essas evoluções, para Christoph

Theobald, devem questionar a "forma política" que a Igreja ainda mantém, isto é "uma consciência global de si mesma como de uma 'sociedade perfeita' ou hierárquica, fundada no direito divino que regula sua vida sacramental, suas instituições, suas práticas e seus preceitos" (THEOBALD, 2006, p.187-188). Quer dizer que a Igreja deve consentir em mudar a representação que ela tem de si mesma em relação com a sociedade, e sua organização concreta. Ela precisa, pois, parar de pensar em termos de separação, poder e relações assimétricas. Ela é chamada a testemunhar a proximidade e reciprocidade de Deus com os homens e mulheres, tal qual o Apocalipse e as parábolas do Reino de Deus o revelam. Suas ações devem ser ordenadas ao Reino. Assim seu jeito de ser e sua ação como instituição serão coerentes com a santidade de seus membros.

Resta a questão da perda de influência da Igreja católica no seio de sociedades pluriculturais e plurirreligiosas. Se a ela não é mais considerada como um interlocutor importante e uma parceria reconhecida por causa do pequeno número de cidadãos – e eleitores- que se dizem católicos, qual poder de ação ela pode guardar? De fato, a ação institucional tem uma eficácia maior que a ética pessoal. Podemos pensar na criação da Pastoral da Criança[6] por exemplo. Mas podemos acreditar que, se a Igreja exercer a hospitalidade, abrindo suas portas, colaborando com outros sem exigir uma adesão a seus dogmas, ela continuará tendo um papel no espaço público. E mesmo com a perda de influência e poder, a Igreja não pode deixar de acreditar que a fé é capaz de mover montanhas (Mt 17,20). Agir para transformar um mundo que tem nele as estruturas do pecado não é opcional para a Igreja.

Considerações finais

Em suma, a perda de referências, tanto ao nível da Igreja católica como da sociedade em geral está criando um clima de fim dos tempos e priva os cidadãos do poder de agir juntos. Por essa razão, a Igreja precisa saber interpretar as grandes mutações, a fim de oferecer aos homens e mulheres deste tempo um sentido novo

[6] Para lembrar: « A semente [da Pastoral da Criança] foi lançada em maio de 1982, por Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo, e Mr. James Grant, então Diretor Executivo do UNICEF, em Genebra, durante debate sobre os problemas da pobreza e a paz no Mundo. No ano seguinte, a CNBB confiava a tarefa de criação e desenvolvimento da Pastoral da Criança a Dom Geraldo Majella Agnelo, então Arcebispo de Londrina – PR […] e à médica pediatra e sanitarista Dra. Zilda Arns Neumann. ». Disponível em :<http://www.rebidia.org.br/Pastoral-da-Crianca-CNBB>. Acesso em março de 2018.

para orientar sua vida, e identificar as novas formas de ação que o Reino de Deus requer. É assim que Christoph Theobald, à luz do Apocalipse e da analogia do Reino de Deus, chegou a propor a santidade e a hospitalidade como maneira de ser e de agir. Esse estilo, não exclusivamente cristão, é capaz de transformar a sociedade em profundeza a partir da restauração da fé elementar na vida, fonte de relações autênticas, justas e desinteressadas. Cabe à Igreja, como instituição, renunciar a sua forma atual para ser, como os santos que a compõem, o sinal messiânico por excelência.

Fica uma inquietação: será que a importância dada à coesão social não faz correr o risco de fugir de uma forma de ação incomodante e denunciadora, como fizeram os profetas do Antigo Testamento?

Referências

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Dei verbum*** sobre a revelação divina. 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 24 jul. 2015.

ROUTHIER, Gilles. «Les signes du temps»: Fortune et infortune d'une expression du concile Vatican II. In: **Transversalités**, Paris, v.2011, n.118, p. 79-102, abr-jun. 2011.

THEOBALD, Christoph. **A Revelação**. São Paulo: Loyola, 2006.

THEOBALD, Christoph. **Transmitir um Evangelho de liberdade.** São Paulo: Loyola, 2009.

THEOBALD, Christoph. **Le christianisme comme style.** Paris: Les éditions du Cerf, 2007.

THEOBALD, Christoph. **Selon l'Esprit de sainteté.** Paris: Les éditions du Cerf, 2015.

THEOBALD, Christoph. La différence chrétienne : A propos du geste théologique de Vatican II. In : **Etudes**, Paris, v.412, n.1, p.65-76, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-etudes-2010-1-page-65.htm>. Acesso em jan. 2018.